
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

O mito das guerreiras Amazonas: as práticas sociais femininas nos relatos da Antiguidade

Nathalia Monseff Junqueira *

 <https://orcid.org/0000-0002-4064-7701>

Resumo: Na Antiguidade, a mitologia fazia parte do cotidiano de todas as sociedades, influenciando a arte, a história e o teatro. Um famoso relato proveniente da mitologia grega, os Doze Trabalhos de Hércules, ressalta um grupo de mulheres guerreiras que desenvolveram uma sociedade sem homens, conhecidas como Amazonas. De acordo com Heródoto de Halicarnasso, elas teriam ocupado a região da Cítia onde caçavam e cavalgavam, além de outras atividades que não pertenceriam ao universo associado ao feminino, como o casamento e os trabalhos manuais. O geógrafo Estrabão sublinha que elas se dedicavam principalmente à prática de exercícios bélicos e no treinamento com dardos, escudos, arco e flecha. Neste artigo, propomos analisar as narrativas a respeito das Amazonas através das fontes antigas, lançando novos olhares para essas mulheres, permitindo compreender que o relato sobre a diversidade das atividades desenvolvidas pelas Amazonas poderia ser encontrado na comunidade dos autores que escreveram sobre elas ao longo do tempo, não estando restritas somente ao mundo mítico.

Palavras-chave: Amazonas; Antiguidade Clássica; Estudos de Gênero; Fontes escritas.

Abstract: *In ancient times, mythology was part of the daily life of all societies, and influenced art, history, and theatre. A famous tale from Greek mythology, The Twelve Labours of Hercules, tells of a group of female warriors who developed a male-free society, the Amazons. According to Herodotus of Halicarnassus, they inhabited the region of Scythia, where they hunted and rode horses and also practised other activities that were not part of the universe associated with the feminine, like marriage and craftsmanship. The geographer Strabo points out that they were mainly engaged in military exercises and*

* Professora Adjunta de História Antiga e Medieval na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: nathalia.m.junqueira@ufms.br. Bolsista PDS- CNPq, processo 102014/2022-1.

training with bows and arrow and shields. In this article, we propose to analyse the narratives about the Amazons based on the ancient sources and to take a fresh look at these women, in order to understand that the account of the variety of activities developed by the Amazons can be found in the community of authors who have written about them over time and is not limited to the mythical world.

Keywords: *Amazons; Classical Antiquity; Gender Studies; Written sources.*

Introdução

São vários os relatos a respeito do mito sobre as Amazonas (Ἀμαζόνες) encontrados nas obras escritas na Antiguidade. Elas seriam descendentes do deus Ares e da ninfa Harmonia, segundo Apolônio de Rodes². Por seu caráter bélico, sua sociedade se encontraria na Cítia e Sarmácia³, ou em Temiscira⁴, nas fronteiras do mundo civilizado. Filóstrato, por sua vez, situa este grupo de lutadoras nos Montes Touro⁵. Segundo Diodoro Sículo⁶, após a morte da rainha Temiscira, as Amazonas instituíram o culto a Ares e a Ártemis da Táurida, construindo grandes templos com os espólios das conquistas militares na Ásia.

Além dos autores já citados, estas mulheres guerreiras ou suas rainhas são referenciadas em Hipócrates (*De aera, aquis et locis*), Estrabão (*Geografia*), Arriano (*Périplo do Ponto Euxino*), Ésquilo (*Suplicantes*), Eurípides (*Hércules*), Homero (*Iliada*), Isócrates (*Panatenaico*), Píndaro (*Nemeias*), Plutarco (*Vida de Teseu*), Pausânias (*Descrição da Grécia*) e Quinto de Esmirna (*Posthomerica*). Seja em rápidos comentários ou longos trechos, os escritores apresentam, em algum momento de suas obras, as suas opiniões a respeito destas mulheres. As narrativas são, muitas vezes, diversas umas das outras ou complementares, sendo os elementos em comum o fato delas serem exímias guerreiras, viverem em uma sociedade na qual os homens estariam subordinados a elas e serem derrotadas por algum herói grego. Porém, todos os relatos têm em comum a concepção de que estão lidando com uma figura emblemática de um inimigo que ressalta, por um lado, as vitórias empreendidas pelos heróis ou soldados gregos contra essas

²Argon. 2.990.

³Hdt. 4.110-117.

⁴Paus. 1.2.1.

⁵Her. 57.

⁶II, 45, 4.

guerreiras míticas e, por outro, uma inversão dos papéis sociais destinados às mulheres em suas sociedades.

O gênero feminino, na Antiguidade, foi marcado por elementos que demarcavam sua fragilidade e passividade frente às diversas atividades praticadas na sociedade. Além disso, em muitos momentos, criou-se um discurso que objetivava a separação física destas mulheres devido a suas características biológicas, que justificaram o isolamento em suas casas, administrando as economias domésticas, cuidando dos filhos, mantendo sempre o silêncio e afastadas dos assuntos políticos. Este modelo ideal feminino foi reproduzido em diferentes sociedades posteriores como uma ferramenta para corroborar a proibição da atuação das mulheres no mundo político.

A categoria de gênero permite-nos analisar esse modelo ideal feminino e as diferentes práticas tangentes ao masculino e ao feminino nos diferentes contextos históricos e sobre as suas relações estabelecidas em uma determinada sociedade⁷, em um contexto e governo específico. Nesta perspectiva, os estudos de gênero se preocupam em estudar como atuam os mecanismos de construção das atribuições que designam o que será masculino ou feminino a partir da identidade sexual⁸.

Devido à diversidade dos contextos históricos nos quais as inúmeras narrativas acerca das Amazonas estão inseridas, optamos por abordar as passagens nas quais as guerreiras são apresentadas em três obras, todas escritas por homens de origem grega: *Histórias*, composição elaborada por Heródoto de Halicarnasso (V a.C.), *Biblioteca Histórica*, escrita por Diodoro Sículo (I a.C.) e *Geografia*, do geógrafo amasiano Estrabão (I a.C.- I d.C.). Não constitui intento nosso promover um extensivo debate a respeito das Amazonas, entretanto objetivamos lançar novos olhares para este grupo de mulheres através do estudo de fontes antigas selecionadas, permitindo compreender que o relato sobre a diversidade das atividades desenvolvidas pelas Amazonas poderia ser encontrado na comunidade dos autores que escreveram sobre elas ao longo do tempo, não estando restritas somente ao mundo mítico.

⁷SCOTT, J. "Gender: A useful category of historical analysis." In: *The American Historical Review*. Vol. 91, no.5, 1986, pp. 1053-1075.

⁸Violaine Sebillotte-Cuchet. Représenter les sexes. "Réflexions à partir de publications récentes sur le genre et l'antiquité grecque." In: *Perspective - la revue de l'INHA: actualités de la recherche en histoire de l'art*, Institut national d'histoire de l'art/ A. Colin, 2008, pp.2-24. halshs-00685675.

Os relatos escritos

Tentar rastrear a origem das Amazonas não é uma tarefa fácil, uma vez que estamos trabalhando com um mito que apresenta variações conforme o contexto histórico no qual ele está inserido. Heródoto de Halicarnasso inicia a sua narrativa informando que os gregos guerrearam contra as Amazonas próximo ao rio Termodonte⁹ e, logo em seguida, afirma que os Citas as nomearam de *Oiorpata*, pois, em seu idioma, *ioir* seria a tradução de homem e *pata*, matar, ou seja, ele insere poucas informações sobre elas porque parte do pressuposto que o seu leitor tenha um conhecimento prévio a respeito dessas mulheres guerreiras. Na continuação do relato, elas foram capturadas e levadas para os navios gregos, mas acabaram tomando a tripulação, atirada ao mar. Por não saberem navegar, ficaram à mercê de ondas e ventos até desembarcarem no país dos citas. No início de sua jornada por esse lugar, elas se depararam com cavalos domesticados e, cavalgando-os, invadiram as terras citas¹⁰, fundando uma nova sociedade nesta região.

Em *Biblioteca Histórica*, Diodoro Sículo versa sobre seis grupos de guerreiras míticas encontradas em diferentes regiões descritas em sua obra, elencadas¹¹ como As Amazonas do Termodonte¹², As Amazonas de Héspera¹³, As Amazonas na Titanomaquia¹⁴, A Amazonomaquia de Hércules¹⁵, A Amazonomaquia de Atenas¹⁶ e As Amazonas e Alexandre, o Grande¹⁷. Para este texto, atentar-nos-emos àquela acerca das Amazonas que habitavam a região do rio Termodonte: “dominando junto ao rio Termodonte, um povo governado por mulheres que desempenham a atividade guerreira igual ao dos homens (*τῶν γυναικῶν ὁμοίως τοῖς ἀνδράσι*)... formaram um exército que dominou alguns povos limítrofes”¹⁸.

⁹ Atual rio Terme, no norte da Turquia.

¹⁰ Hdt. 4.110.

¹¹ Para mais detalhes dos grupos de Amazonas encontradas em diferentes regiões do mundo conhecido, consultar Pereira, D. P. “*Conduziu as mulheres aos combates bélicos e atribuiu aos homens humilhação e escravidão*”: *A barbaridade do feminino e a feminilidade do bárbaro das Amazonas em Diodoro Sículo (século I a.C.)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Santa Maria, Brasil, 2021, p. 76.

¹² Diod. Sic. 2.45-46.

¹³ Diod. Sic. 3.52-55.

¹⁴ Ibidem, 71.

¹⁵ Diod. Sic. 4.16.

¹⁶ Ibidem, 28.

¹⁷ Diod. Sic. 17.77.

¹⁸ Diod. Sic. 2.45.

Em nossa última fonte, Estrabão, geógrafo nascido em Amásia por volta de 64 a.C., ao descrever a Ásia, temática do Livro XI, de sua obra *Geografia*, localiza as Amazonas vivendo “nas montanhas acima da Albânia”¹⁹, em uma região situada nas fronteiras do mundo conhecido e que teriam fundado cidades com os nomes de suas rainhas, como Mirina e Esmirna, onde existiam tumbas e outros monumentos que remeteriam a esse passado bélico dessas guerreiras²⁰.

Nos três autores selecionados, o motivo para as Amazonas viverem na região fronteira do espaço delimitado como sendo o mundo conhecido centrar-se-ia no fato de elas representarem uma possível ameaça à hierarquia estabelecida em muitas cidades antigas: seriam mulheres guerreiras, independentes e que não desejam se casar, uma inversão dos comportamentos destinado ao feminino por esses escritores. Na narrativa herodotiana, há um diálogo entre uma Amazona e um jovem cita, que deseja levá-la para viver em sua sociedade, uma oferta recusada pelos motivos a seguir:

Não, não poderíamos morar com suas mulheres; pois nós, não temos, assim como elas, os mesmos costumes. Atiramos com o arco e lançamos o dardo e cavalgamos, mas nunca aprendemos os ofícios das mulheres; e suas mulheres não fazem nada do que falamos, mas permanecem em suas carroças trabalhando em artesanato feminino e nunca saem para caçar ou para qualquer outra coisa. Nós e elas, portanto, nunca poderíamos concordar.²¹

Este trecho evidencia como operava a construção dos papéis femininos e masculinos na Antiguidade e, no nosso caso, nas culturas greco-romanas, pois os autores que escreveram as fontes selecionadas compartilham destas culturas. Nestas regiões, o feminino tornou-se o primeiro “*outro*”²², ou seja, o primeiro elemento retórico no qual os homens poderiam construir a sua identidade. Desta forma, produziam um discurso que reforçava a natureza frágil do corpo feminino, agregando a ele uma série de tarefas que reforçariam a inferioridade feminina frente ao masculino. Um indicativo desta divisão de tarefas é observado na obra de Xenofonte:

¹⁹Str. *Geogr.* 11.5.1

²⁰Ibidem, 11.5.4.

²¹Hdt. 4.110.

²²Moreno Conde, M., & Cabrera Bonet, P. (2014). Entre Amazonas y Grifos. Viaje por las imágenes de frontera en el siglo IV a.C. *Archivo Español De Arqueología*, 87, 41–58.

E o costume, eu disse, aprova as mesmas coisas, que homem e mulher formem um casal. E, como deus os fez companheiros em relação aos filhos, o costume os colocou como companheiros na casa. O costume, finalmente, indicou como convenientes as coisas que o deus fez com que todos fossem mais capazes. Para a mulher, é melhor ficar em casa do que ao ar livre enquanto para o homem, é mais vergonhoso estar em casa do que cuidando (das tarefas) externas²³.

Esta relação entre a natureza e o silêncio também se observa na obra *Política*, de Aristóteles, quando este afirma que a Providência criou o homem mais forte para defender a casa e, em contrapartida, teria feito a mulher mais fraca e tímida, mais disposta a vigiar o lar²⁴. Assim, os documentos escritos foram criando uma imagem homogênea das mulheres, como se todas vivessem apartadas do mundo exterior, inseridas no gineceu²⁵, cuidando da casa e dos filhos, mantendo o silêncio e a distância dos homens que não pertenciam ao seu círculo familiar. Xenofonte reforçaria a parceria entre o casal quando afirma que a maior parte da renda é gerada pelo marido, “mas as despesas são controladas principalmente pela dispensação da esposa. Se ambos fazem bem a sua parte, a propriedade é aumentada; se eles agem incompetentemente, é diminuída”²⁶.

Outro elemento importante da construção dessas mulheres seria o atributo da obediência. Na tragédia *Antígona* (915-930), observamos como Sófocles trabalha com esse conceito ao mostrar o castigo dado a personagem que dá nome ao livro por seu tio, Creonte, por desrespeitar sua vontade. Na peça, Antígona desacatou uma lei dos homens ao enterrar seu irmão Polinice, porém, seguiu a determinação da lei divina, que designara como um dos atributos femininos a responsabilidade pelo enterro e pela manutenção dos ritos funerários dos seus familiares. Devido à sua infração, Creonte condena a sobrinha a ser enterrada viva, mas ela decide suicidar-se antes da execução da pena.

Retornando à sequência do desenvolvimento das funções desempenhadas pelas Amazonas, Estrabão ressalta que as ações realizadas pelas Amazonas ultrapassavam os exercícios bélicos, uma vez que realizavam “suas várias tarefas individuais, como arar,

²³Xen. *Oec.* 7.30.

²⁴Arist. *Oec.* 1.1343b-1344a.

²⁵A pintura das mulheres reclusas em um quarto de habitação que lhe era reservado, o chamado gineceu, atualmente não é mais aceita. Para uma discussão sobre a construção desse ideal feminino na Grécia Clássica e o debate a respeito do lugar ocupado pelas mulheres nessa sociedade, consultar a obra de Cisneros Abellán, I. J. *Dentro y fuera de casa. Las trabajadoras en la Atenas de los siglos V y IV a. de C.* Oviedo: Ediciones de la Universidad de Oviedo, 2022.

²⁶Xen. *Oec.* 3.15.

plantar, pastorear o gado e, principalmente, treinar cavalos, embora as mais corajosas se dediquem principalmente à caça a cavalo²⁷. Estas atividades seriam, justamente, uma inversão daquelas idealizadas por uma parcela da população greco-romana para o mundo feminino, que estaria circunscrito ao *oikos* (casa). Na iconografia encontrada nos vasos áticos, as mulheres são retratadas fiando²⁸, cuidando dos filhos²⁹ ou realizando as libações para os mortos³⁰. Entretanto, quando nos debruçamos na análise da cerâmica ática³¹, descortina-se outro mundo feminino, no qual elas executam outros afazeres ao ar livre, como a busca por água nas fontes³², a colheita dos frutos³³, ou a comercialização de produtos³⁴.

As informações a respeito dos deveres concernentes ao feminino nos auxiliam no mapeamento da maneira como se deu a construção das versões sobre as Amazonas. Uma delas se refere ao fato de os historiadores afirmarem que os autores antigos investigariam todas as sociedades por meio de marcadores culturais específicos, configurando-se como um filtro para entender e explicar, para os seus leitores, como elas se organizavam. Esse processo, chamado de alteridade por François Hartog³⁵, cataloga o *outro* através de quatro etapas: inversão, aproximação, distanciamento e *thôma*, que pode ser traduzido por algo maravilhoso, nunca visto antes. Para o autor francês, os relatos da antiguidade muito se utilizaram da alteridade para justificar uma possível superioridade daquele grupo que descreve frente aquele descrito.

A controvérsia em torno da nomenclatura Amazonas

Segundo algumas teorias a respeito da origem da palavra Amazona, ela derivaria de uma prática comum nessa sociedade, a retirada do seio direito para facilitar o manejo do

²⁷Str. *Geogr.* 11.5.1.

²⁸Lécito ático de figuras negras. Atribuído al Pintor Amasis. c. 550-530 BC. Nova York, Museu Metropolitano de Arte, 31.11.10.

²⁹Hidra Ática de figuras vermelhas. Atribuída ao Pintor Munique 2528. c. 450-425 BC. Londres, Museu Britânico, E219.

³⁰Pelico ático de figuras negras. c. 510 BC. Paris, Museu do Louvre, F376.

³¹Junqueira, N. M. *Imagens da mulher grega: Heródoto e as pinturas em contraste*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Brasil, 2011.

³²Hidra ática de figuras negras. c. 520-500 BC. Londres, Museu Britânico, B329.

³³*Krater* de figuras vermelhas. c. 460 BC. Nova York, Museu Metropolitano de Arte, 07.286.74.

³⁴Lécito de fundo branco. c. 440 BC. Nova York, Museu Metropolitano de Arte, 99.13.3.

³⁵Hartog, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

arco e fecha, ou seja, o emprego da partícula *α/α* (fora, sem), seguido de *μαστός/mastós*, (seio). Diodoro Sículo descreve que elas queimavam o seio direito das meninas para não atrapalhar no combate e devido a isso, as Amazonas obtiveram essa denominação³⁶. Estrabão reforça a necessidade das Amazonas de cauterizar o seio direito quando são bebês, “para que elas possam usar facilmente o braço direito para todos os fins necessários, e especialmente o de lançar o dardo”³⁷.

Apolodoro afirma que as guerreiras “comprimiam o peito direito para que não lhes estorvasse ao lançar o dardo, enquanto lhes deixavam o esquerdo para amamentar”³⁸. Filostrato, em sua obra *Heroicos*³⁹, informa que o nome das guerreiras míticas seria uma derivação pelo fato delas não serem amamentadas. Outros autores na Antiguidade propunham que elas não comeriam pão⁴⁰, alimentando-se de carne⁴¹ ou de outras provisões que seriam estranhas aos gregos. Já Violaine Sebillotte-Cuchet⁴² propõe que o termo Amazona viria do iraniano *há-mazan*, que pode ser traduzido por guerreiro e, devido à fonética desta palavra, os autores greco-romanos tentaram aproximá-la de seu idioma, gerando as diversas variações encontradas nas fontes antigas.

Estas passagens dizem mais sobre os historiadores antigos do que sobre as mulheres guerreiras que eles descrevem. A ideia de que elas retirassem o seio para facilitar o melhor manejo do arco e flecha já havia sido “refutado na Antiguidade”⁴³. Além do mais, a iconografia encontrada nas cerâmicas antigas⁴⁴ não apontam alguma marca ou a falta do seio direito na representação nas cenas nas quais elas apareceriam sozinhas, ou lutando contra outros exércitos.

Com essas considerações em mente, torna-se perceptível o afastamento deste grupo de mulheres do mundo greco-romano, uma vez que elas negariam um elemento essencial de sua feminilidade, o seio, que também era primordial para a amamentação. O cuidado dos

³⁶Diod. Sic.2.45.

³⁷Str. *Geogr.* 11.5.1.

³⁸*Bibl.* 2.9.

³⁹57.5-6.

⁴⁰Schol. *ad Iliadem* 3.189 Erbse.

⁴¹Esch. *Su.* 287.

⁴²Sebillotte-Cuchet, V. *Artémise: une femme capitaine de vaisseaux dans l'Antiquité Grecque*. Paris: Fayard, 2022, p. 110.

⁴³Mayor, A. *The Amazons: lives and legends of warrior women across the ancient world*. United Kingdom: Princeton University Press, 2014, p. 21.

⁴⁴Lécito de figuras vermelhas. Atribuído ao Pintor de Eretria. c. 420 BC. Nova York, Museu Metropolitano de Arte, 31.11.13.

filhos, que estaria circunscrito ao interior do *oikos* (casa), seria realizado basicamente pela mãe, ama ou escrava, até os dois anos do bebê. Os médicos até encorajavam as mães a amamentar os filhos. No entanto, recordemos que, segundo Aristóteles, na produção de crianças ambos os progenitores contribuíam igualmente; mas cada um faz uma contribuição diferente à sua criação. É a mãe quem nutre, e o pai quem educa⁴⁵.

Ademais, caso descartemos a etimologia da Amazona como aquela que não apresenta um dos seios, o fato de ela ter uma dieta diferente dos outros povos já a coloca a margem do mundo conhecido⁴⁶. Em ambos os casos, percebemos que elas apresentam comportamentos que as apartariam do mundo grego: a negação à amamentação ou a negação do pão, alimento de grande importância na dieta mediterrânea.

A relação com os homens

Uma das práticas das Amazonas que irá diferenciar os relatos dos três escritores antigos se refere à concepção e criação das crianças, momento no qual observamos a aproximação entre os homens e as guerreiras míticas.

Nos três etnógrafos escolhidos para esse artigo, observamos que a concepção de filhos no grupo das Amazonas ocorre por decisão delas, não havendo uma negociação entre o pai da noiva e o seu futuro marido⁴⁷, como acontecia nos grupos abastados de várias sociedades na Antiguidade. Além disso, não havia uma cerimônia que demarcasse ou algum ritual de celebração desta união, como observamos nos vasos áticos⁴⁸. Elas poderiam se afastar sozinhas ou em pares do seu assentamento e, ao encontrar um jovem rapaz Cita, teria relações sexuais com ele por alguns dias⁴⁹, nas palavras de Heródoto ou essas relações

⁴⁵Arist. Oec. 1.1344a. É muito provável que Aristóteles esteja se referindo à educação entre o pai e os meninos. As meninas seriam educadas pelas mães, que passariam todo o conhecimento referente ao cuidado da casa para elas desde pequenas. Entretanto, não descartamos a possibilidade de as mulheres exercerem diversas atividades fora da casa. Para mais informações, consultar Cisneros Abellán, I. J. Op. Cit.

⁴⁶Para outras etimologias da Amazonas, consultar a obra Saïd, Suzanne. *Le monde à l'envers: Pouvoir féminin et communauté des femmes en Grèce ancienne*. Paris: Les Belles Lettres, 2013, principalmente a página 124 e Mayor, A. Op. Cit., p. 24.

⁴⁷Junqueira, N. M. Op. Cit., pp. 71-ss.

⁴⁸Lécito de figura negra. c. 550-530 BC. Nova York, Museu Metropolitano de Arte, 56.11.1.

⁴⁹Hdt. 4.113.

poderiam acontecer em segredo e na escuridão, entre “qualquer Gargariano⁵⁰ ao acaso com qualquer Amazona; e após fazê-las engravidar”⁵¹, elas os mandavam embora.

O geógrafo amasiano não reproduz o costume das Amazonas de incapacitar os meninos para mantê-los em casa, mas pontua que as meninas são mantidas entre as guerreiras, porém os meninos são levados aos Gargarianos para serem criados e, pelo fato de os homens não terem conhecimento de qual bebê é seu filho, porque tiveram relações sexuais na escuridão, cada Gargariano adota uma criança como sua, considerando a criança como seu filho por causa desta incerteza⁵².

É a partir do olhar direcionado às construções do masculino e do feminino nos documentos escritos que conseguimos aproximar o mito do seu contexto histórico. A escolha dos autores em destacar ou ocultar certos comportamentos das Amazonas sublinha a importância destes aspectos em sua sociedade. A concepção de novas gerações tornou-se uma preocupação para as camadas mais abastadas no mundo greco-romano, pois não seriam somente as riquezas que elas herdariam, mas também a carreira política que vinha sendo trilhada há gerações. Além disso, para a *polis* e para o Império Romano, era necessário assegurar um grande contingente de soldados, responsáveis pela expansão e segurança destes assentamentos.

Diodoro Sículo não nos informa como as crianças eram concebidas, entretanto, para evitar que os homens entrassem no serviço militar, “as Amazonas fraturavam as pernas e os braços dos bebês nascidos meninos”⁵³. Na continuação, o siciliano afirma que estas vitórias trouxeram orgulho para a rainha Temiscira, “que se nomeou ‘filha de Ares’ e designou aos homens o trabalho de fiar e os labores das mulheres nas casas” e criou “leis para conduzir as mulheres aos combates bélicos e assegurou aos homens a humildade e a escravidão”⁵⁴. As Amazonas seriam, então, um povo governado por mulheres (γυναικοκρατούμενον) desempenhando o serviço guerreiro como os homens⁵⁵.

⁵⁰ Estrabão informa que os Gargarianos seriam um grupo que habitava o sopé norte das Montanhas do Cáucaso. Str. *Geogr.* 11.5.1.

⁵¹ Str. *Geogr.* 11.5.1.

⁵² Ibidem.

⁵³ Diod. Sic. 2.45.3.

⁵⁴ Ibidem, 45.2.

⁵⁵ Ibidem, 45.1.

Na concepção dos autores antigos, o artesanato figura como uma das atividades femininas e por isso, nas fontes literárias, é por vezes apresentado como o estereótipo de oposição ao masculino. No diálogo entre Sócrates e Isômaco por nós destacada, lemos: “Em vez disso, outras atividades de sua incumbência serão mais agradáveis: por exemplo, quando você se encarregar de uma escrava que não saiba fiação, instrua-a e duplique o valor que tem para ti”⁵⁶.

Apesar de sabermos que os homens também se dedicavam à arte do tear e que haveria oficinas de confecção de tecidos, a grande maioria dos têxteis, principalmente no mundo grego, eram produzidos em casa pelas mulheres. Quase tudo acontece no interior do lar, desde a chegada da lã crua, o tingimento, até as etapas de fio e tecido e esse espaço foi equipado com os instrumentos básicos para a confecção dos tecidos, que poderiam atender somente aos habitantes da casa ou serem comercializados.

Embora o tecido e a fiação sejam, na sociedade grega, uma atividade feminina, não podemos, e aqui estamos de acordo com a Fábio Lessa⁵⁷, invalidar a hipótese de que estas seriam, para as esposas abastadas, um critério de virtude. Diodoro Sículo, ao mencionar que os homens realizariam os labores das mulheres nas casas, apresenta-nos a possibilidade de trabalhar outra atividade circunscrita ao mundo feminino e elencada como um elemento pertencente aos critérios de virtude, o cuidado com os filhos. Observamos como esse evento foi socialmente construído ao lermos a obra de Xenofonte, quando este define que os deuses uniram o macho e a fêmea para que tivesse o máximo de benefícios e, para que isso acontecesse, havia a necessidade de uma divisão de tarefas. Dessa forma, os afazeres domésticos ficariam a cargo da figura feminina do casal, uma vez que “sabendo que tinha inculcado na mulher e lhe havia confiado a criação dos filhos recém-nascidos, também lhe atribuiu um maior afeto pelos recém-nascidos do que ao homem”⁵⁸.

Representação iconográfica

As representações visuais mais antigas sobreviventes dessas mulheres guerreiras datam do início do século VII a.C. As batalhas entre os hoplitas e as Amazonas, chamadas de Amazonomaquia, remetem a muitas tradições orais perdidas sobre a Guerra de Troia

⁵⁶ XEN. *Oec.* 7.41.

⁵⁷ Lessa, F. de S. *Mulheres de Atenas*. Rio de Janeiro: Ed. Barroso, 2010, p. 65.

⁵⁸ XEN. *Oec.* 7.24.

aludida na *Iliada* e em outras obras⁵⁹, sendo ilustradas na iconografia dos vasos áticos⁶⁰, nas estátuas e em sarcófagos⁶¹, o que revela um imaginário⁶² compartilhado no mundo grego antigo.

As cenas do embate entre Aquiles e rainha Penteseleia⁶³ também decoram diversas cerâmicas áticas, evidenciando a influência da obra *Iliada* e da obra perdida *Etiópida*, de Arctino de Mileto, na produção material. Na cerâmica atribuída ao Pintor de Exéquias⁶⁴, observamos duas figuras que estão no ato final de um confronto, Aquiles e Penteseleia, pois ela está com um dos joelhos apoiado no chão, olhando para trás, tentando acertá-lo, em vão, com a lança. A rainha amazônica é representada com uma indumentária semelhante ao de um *hoplita*, com o elmo de crista alta, *chiton* curto de franja, espada e escudo. Os elementos escolhidos pelo executor do vaso para demarcar que uma das figuras se tratava de uma Amazona é a tonalidade clara da pele, em contraponto à pele de Aquiles e o uso do pardalis (pele de leopardo), sobre o *chiton*, demarcando a aproximação dessa guerreira com o mundo fronteiro e mais próximo dessa natureza selvagem.

Com a aproximação entre gregos e persas nas Guerras Médicas, observamos uma mudança na representação das Amazonas na cerâmica ática. Agora elas são desenhadas⁶⁵ com vestimentas que as conectam ao mundo persa, pelo uso de mangas longas e calças compridas com riscas em zigue-zague, havendo a manutenção do pardalis, mas com a troca do elmo de crista alta por uma espécie de toca de abas compridas, que cobrem as orelhas. Como armamento, figuram utilizando os agaris ou uma longa lança, associando essa representação de outras catalogadas como sendo de soldados persas⁶⁶, aproximando-se

⁵⁹O poema perdido Arimaspea, do viajante grego Aristeas (cerca de 670 a.C.), continha histórias sobre elas. Outro poeta errante, Magnes de Esmirna (que se diz ser o local de nascimento de Homero), recitou contos em lídio sobre uma invasão amazônica da Lídia, na Anatólia ocidental, no início do século VII a.C. Alguns estudiosos sugerem que houve outrora um poema épico autônomo sobre as Amazonas, nos moldes da *Iliada*, uma possibilidade tentadora segundo Mayor, A. Op. Cit., p. 18.

⁶⁰Ânfora ática de figuras negras. c. 530 BC. Paris, Musée du Louvre, E733.

⁶¹Sarcófago de mármore, c. 140–170 AD. Houston, The Museum of Fine Arts, 2006.35.A,.B.

⁶²Sebillotte-Cuchet, Op. Cit., p. 99.

⁶³Ânfora ática de figuras negras. Atribuído ao pintor de Exéquias. c. 540-530BC. Londres, British Museum, B210.

⁶⁴Sebillotte-Cuchet, Op. Cit., p. 104.

⁶⁵Énocea ática de figuras vermelhas. 425-375BC. Ferrara, Museo Nazionale di Spina, 2498.

⁶⁶Ânfora ática de figuras negras. Atribuído ao Manner of Euphronios. c. 550-500BC. Paris, Musée du Louvre, G106.

da descrição que Estrabão faz das guerreiras míticas⁶⁷. Em outros momentos, encontramos as Amazonas cavalgando⁶⁸, retomando uma das habilidades descritas anteriormente, e portando as vestimentas persas.

A Amazonomaquia aproximará ainda mais o mundo mítico do mundo histórico, pois agora temos, no caso de Heródoto, a retomada do mito no episódio narrado sobre a vitória dos gregos frente as corajosas Amazonas, ocorrida em uma batalha nas Segundas Guerras Médicas: “temos registro de nossa grande vitória contra as Amazonas que uma vez vieram do rio Termodonte e invadiram a Ática”⁶⁹. Inserir esse breve comentário acerca do mito sobre as Amazonas no Livro IX, que versa a respeito dos confrontos entre gregos e persas, concede um duplo sentido na narrativa herodotiana: reforçar o poderio do exército grego e dos seus descendentes, demonstrando a coragem em vencer estas guerreiras e sua breve menção remete ao mundo no qual os deuses participavam ativamente das ações humanas. Além disso, estas passagens nas quais este mito é mencionado nos auxilia no mapeamento de obras referenciadas por Heródoto, como a *Iliada*⁷⁰ e *Eumênides*⁷¹, no qual as Amazonas invadem Atenas e se instalam na base da Acrópole, e isso respaldaria a prerrogativa para Heródoto não necessitar intervir em seu próprio relato.

A batalha entre os gregos e as Amazonas não se remete mais a um herói, mas a todo o exército ateniense, o que reforça a construção da identidade helênica após as Guerras Médicas. Assim como há o embelezamento da cidade e a projeção concreta das grandes vitórias dos *hoplitas* na pintura da *Stoa Pecile*⁷² realizada por Mícone no Partenon, onde Fídias opta por representar a Amazonomaquia no frontão oeste deste edifício, vemos essa exaltação da vitória nos discursos antigos. Essas cenas encontradas nas narrativas, na cerâmica e nos relevos não pertencem a uma *polis* em concreto, mas há uma cultura partilhada dentro do sistema de crenças helênico e o uso do mito auxiliará no reforço da identidade ateniense frente aos inimigos, mas também da *koiné*.

⁶⁷ “que elas também usam arco e sagaris e escudo leve, e fazem as peles de animais selvagens servirem como capacetes, roupas e cintas”. Str. *Geogr.* 11.5.1.

⁶⁸ Ânfora ática de figuras vermelhas. 450-400BC. Munich, Antikensammlungen: J774.

⁶⁹Hdt. 9.27.4.

⁷⁰Hom. *Il.* 3.186

⁷¹Aesch. *Eum.* 685.

⁷²Paus. 1.15.2.

Igual a um homem

Um dos relatos escritos mais antigo a respeito do grupo de guerreiras, que temos conhecimento, é encontrado no poema épico *Iliada*, atribuído a Homero, com datação estimada entre os séculos VII e VI a.C. No livro III, Príamo, rei de Troia, recorda que viu “em multidões os guerreiros frígios, mestres de corcéis relanceados, até mesmo o povo de Otreus e o divino Mygdon... Pois eu também, sendo seu aliado, fui contado entre eles no dia em que as Amazonas chegaram, igual a um homem (Ἀμαζόνες ἀντιάνειραι)”⁷³. Já no Livro VI, conhecemos os feitos de Belerofonte, que matou a Quimera, que

era de origem divina, não de homens, na parte da frente um leão, na parte de trás uma serpente e no meio uma cabra, exalando de maneira terrível o poder do fogo ardente. E Belerofonte a matou, confiando nos sinais dos deuses. Em seguida, ele lutou com o glorioso Solymi, [185] e este, disse que ele era a batalha mais poderosa de guerreiros que já entrou; e em terceiro lugar ele matou as Amazonas, iguais a um homem [Ἀμαζόνας ἀντιανείρας].⁷⁴

Torna-se importante ressaltar que a palavra Amazonas representaria, nesse momento, o coletivo de um grupo de mulheres guerreiras. A grafia Ἀμαζόνες indicaria um povo, como em Ελληνες⁷⁵ e, na Antiguidade, o povo era pensado nos membros masculinos que compunham essa sociedade. O termo tardio Ἀμαζόνιδες, já identificaria as características femininas dessas guerreiras⁷⁶.

Diodoro Sículo aproxima-as dos heróis gregos no livro II⁷⁷, quando Hércules recebe o trabalho de roubar o cinturão da rainha Hipólita, capturada pelo filho de Zeus e que nada pôde fazer para evitar a destruição de seu exército. Dando continuidade ao relato, ele descreve que as poucas Amazonas sobreviveram à derrota contra Hércules e os povos que elas haviam subjugado. Anos depois surge a rainha Pentésiléia, que se uniu aos troianos após a morte de Heitor, mas foi derrotada por outro herói grego, Aquiles. Após esse evento, elas teriam desaparecido, provavelmente devido às revoltas iniciadas nas regiões que elas dominavam.

⁷³Hom.*Il.* 3.186-189.

⁷⁴Ibidem, 6.180-186.

⁷⁵Mayor, A. Op. Cit., p. 24.

⁷⁶Saïd, S. Op. Cit., p.127.

⁷⁷2.47.

Segundo Adrienne Mayor⁷⁸, o surgimento das Amazonas insere-se em um longínquo mundo mítico grego, que vai se desenvolvendo e ganhando formas mais definidas na literatura e na arte a partir do momento em que conquistaram um maior conhecimento das regiões conquistadas. Além dos gregos e romanos terem uma inclinação em relatar aquilo que seria duvidoso e anedótico, o destaque dado às Amazonas, como iguais a um homem (Ἀμαζόνες ἀντίανειραι), evidencia que elas partilham das virtudes masculinas, a coragem e o heroísmo no campo de batalha⁷⁹. Dessa forma, o mundo da guerra conduziria como os autores enxergavam esse mundo habitado, que era repleto de povos que apresentavam comportamentos parecidos, mas também, diferentes destes escritores.

A virtude da moderação (σωφροσύνη) faria parte das atribuições do mundo feminino em diversas sociedades, o que desencorajava o desenvolvimento das qualidades da coragem (ἀνδρεία) e da sabedoria (σοφία). De acordo com Violaine Sebillote-Cuchet⁸⁰, quando nos deparamos com as epopeias, o uso das armas não será atrelado a uma definição somente masculina, assim como a coragem e a resistência, características com uma carga positiva que pertenceria às Amazonas nos primeiros relatos antigos.

Como sabemos, a construção dos mitos necessita de elementos que existem no cotidiano das sociedades. A arqueologia revelou sepulturas citas contendo esqueletos de mulheres com cicatrizes de batalha enterradas com suas armas e outros pertences⁸¹, uma sociedade que aparentava uma paridade em determinadas práticas sociais que alimentaram as narrativas a respeito do *Outro* ao longo da Antiguidade. Como havia uma movimentação muito grande no Mar Mediterrâneo devido ao comércio, a circulação de pessoas, ideias e histórias era algo inevitável. Narrativas a respeito de sociedades lideradas por mulheres ou povos nos quais as mulheres atuavam no campo de batalha certamente chegaram até os grupos helênicos, auxiliando na construção do mito das Amazonas tanto em discursos como no mundo das imagens.

⁷⁸Mayor, A. Op. Cit., p. 19.

⁷⁹Sebillote-Cuchet, V. Op. Cit., p. 107.

⁸⁰Ibidem, p. 113.

⁸¹Rolle, R. *The World of the Scythians*. Berkeley: University of California Press, 1989, p. 87.

Em Prometeu acorrentado⁸², Ésquilo as descreve como inimigas dos homens (Ἀμαζόνων στρατὸν ἤξεις στυγάνορ). Observamos que, na Antiguidade, a descrição das Amazonas e a posição que elas ocupariam no cenário grego já geravam diversas opiniões entre os autores. O que percebemos nas fontes antigas é a possibilidade de elas serem caracterizadas tanto como iguais aos homens, quanto inimiga deles. O fato delas não aceitarem ser dominadas produziu um duplo efeito nas narrativas a respeito deste grupo: ou pertenceriam ao mundo mítico ou habitariam a fronteira do mundo habitado, lugar propício para outros comportamentos, como a Frígia, o norte do mar Negro ou a África. Outra possibilidade é de terem deixado descendentes, que residiam em terras distantes, como narrado por Heródoto: “Desde então, as mulheres dos Sármatas têm seguido seu uso antigo; elas cavalgam para caçar com seus homens ou sozinhas; elas vão para a guerra e usam o mesmo vestido que os homens”⁸³.

Considerações finais

Na Antiguidade, a guerra era uma atividade recorrente e estava inserida dentro da esfera de poder, pois além de garantir reconhecimento e riquezas ao vencedor, na democracia ateniense, o cidadão, que também era soldado, somente poderia iniciar a vida política após a sua experiência militar. Para os homens, a guerra seria uma esfera totalmente masculina, na qual as mulheres deveriam ser excluídas, já que ela concedia o poder político e status social, que para uma parcela masculina, não pertenceriam a elas. Provavelmente, a possibilidade da existência de um grupo étnico que apresentava um nível de igualdade entre homens e mulheres teria despertado a curiosidade dos gregos, que engendraram em sua sociedade uma divisão de atributos pertencentes aos mundos masculino e feminino.

Conforme explicamos, trabalhar com um mito não nos leva a debater a sua existência física, como o caso das Amazonas. O debate gira em torno de como esse mito afeta o mundo no qual ele foi criado e reproduzido. Histórias de sociedades lideradas por mulheres ou nas quais elas lutariam ao lado dos homens são relatadas por diversos autores no mundo antigo, assim como a existência de atividades compartilhadas por homens e

⁸²Aesch. *PV*. 723-4.

⁸³Hdt. 4.116.

mulheres, sem a necessidade de uma divisão das tarefas devido às características biológicas de cada sexo.

Os diversos relatos a respeito das Amazonas nos textos escritos e na iconografia apontam para um frequente retorno a esse grupo: mulheres que lutam em igualdade com os homens no campo de batalha e que se negam a ser submissas a eles. Devido ao fato dessa negativa em seguir as regras impostas pelos homens, elas acabam sendo vencidas pelos heróis Aquiles e Hércules, demonstrando o valor da *andreia* (ἀνδρεία), característica positiva de um vigor físico e psicológico, comum aos *hoplitas* e ao mundo da guerra, e não às mulheres. Dessa forma, os autores antigos criaram um mecanismo para controlar os comportamentos sociais contrários àqueles estabelecidos por uma parcela da sociedade e, por garantia, a melhor alternativa para a manutenção social foi transformar as Amazonas em um mito dos tempos de Homero.

Agradecimentos

Agradeço às organizadoras do Dossiê Mulheres na antiguidade, Profa. Dra. Alice Haddad e Profa. Dra. Cristiane Azevedo, pelo convite para a publicação deste capítulo. As reflexões desenvolvidas ao longo desse texto são de responsabilidade apenas da autora.

Referências Documentação Textual

Aeschylus. Aeschylus, with an English translation by Herbert Weir Smyth, Ph. D. in two volumes. 2. *Eumenides*. Herbert Weir Smyth, Ph. D. Cambridge, MA. Harvard University Press. 1926.

Aeschylus. Aeschylus, with an English translation by Herbert Weir Smyth, Ph. D. in two volumes. 1. *Prometheus Bound*. Herbert Weir Smyth, Ph. D. Cambridge, MA. Harvard University Press. 1926.

Aeschylus. *Aeschylus*, with an English translation by Herbert Weir Smyth, Ph. D. in two volumes. 2. *Suppliant Women*. Herbert Weir Smyth, Ph. D. Cambridge, MA. Harvard University Press. 1926.

Apolodoro. *Biblioteca*. Introducción de Javier Arce. traducción y notas de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

Apollonius Rhodius. *Argonautica*. Translated by George W. Mooney. London. Longmans, Green. 1912.

Aristotle. Aristotle in 23 Volumes, Vol. 18, translated by G.C. Armstrong. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1935.

Arriani Nicomediensis Scripta Minora. *Arrian*. Rudolf Hercher. Alfred Eberhard. in aedibus B. G. Teubneri. Leipzig. 1885.

Diodorus Siculus. *Bibliotheca Historica*, Vol 4-5. Immanuel Bekker. Ludwig Dindorf. Friedrich Vogel. Kurt Theodor Fischer. in aedibus B. G. Teubneri. Leipzig. 1903-1906.

Flavius Philostratus. *Heroikos*. Translated with an introduction and notes by Jennifer K. Berenson Maclean and Ellen Bradshaw Aitken; with a prologue by Gregory Nagy and an epilogue by Helmut Koester. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2001.

Diodoro De Sicilia. *Biblioteca histórica*. Libros I-III. Introducción, traducción y notas de Francisco Parreu Alasa. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

Euripides. *The Complete Greek Drama*, edited by Whitney J. Oates and Eugene O'Neill, Jr. in two volumes. 1. *Heracles*, translated by E. P. Coleridge. New York. Random House. 1938.

Herodotus, with an English translation by A. D. Godley. Books III and IV. Cambridge. Harvard University Press. 1920.

Hippocrates *Collected Works I*. Hippocrates. W. H. S. Jones. Cambridge. Harvard University Press. 1868.

Homer. *The Iliad with an English Translation* by A.T. Murray, Ph.D. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1965.

Isocrates. *Isocrates with an English Translation* in three volumes, by George Norlin, Ph.D., LL.D. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1980.

Pausanias. *Pausanias Description of Greece*, with an English Translation by W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A., in 4 Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1918.

Pindar. *Odes*. Diane Arnson Svarlien. 1990.

Plutarch. *Plutarch's Lives*. with an English Translation by. Bernadotte Perrin. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1914.

Quintus Smyrnaeus. *The Fall of Troy*. Arthur S. Way. London: William Heinemann; New York: G.P. Putnam's Sons. 1913.

Scholia Graeca in Homeri Iliadem (Scholia Vetera). Edited by Hartmut Erbse. Volumen Primum, Praefationem et Scholia ad Libros A – Δ continens. Berlin: Walter de Gruyter. 1969.

Xenophon. *Xenophon in Seven Volumes*, 4. Harvard University Press, Cambridge, MA; William Heinemann, Ltd., London. 1979.

Referências Bibliográficas

Cisneros Abellán, I. J. *Dentro y fuera de casa. Las trabajadoras en la Atenas de los siglos V y IV a. de C.* Oviedo: Ediciones de la Universidad de Oviedo, 2022.

- Hartog, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- Junqueira, N. M. *Imagens da mulher grega: Heródoto e as pinturas em contraste*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Brasil, 2011.
- Lebedynsky, I. *Les Sarmates. Amazones et lanciers cuirassés entre Oural et Danube. VIIe siècle av. J.-C. – Vie siècle ap. J.-C.* Arles: Errance, 2014.
- Lessa, F. de S. *Mulheres de Atenas*. Rio de Janeiro: Ed. Barroso, 2010.
- Mayor, A. *The Amazons: lives and legends of warrior women across the ancient world*. United Kingdom: Princeton University Press, 2014.
- Pérez Miranda, I. “Amazonas”. In: Silva, S. C.; Brunhara, R. & Vieira Neto, I. (org.) *Compêndio Histórico de Mulheres da Antiguidade: a presença das mulheres na Literatura e na História*. Goiânia: Tempestiva, 2021. pp. 1051-1055.
- Moreno Conde, M., & Cabrera Bonet, P. (2014). Entre Amazonas y Grifos. Viaje por las imágenes de frontera en el siglo IV a.C. *Archivo Español De Arqueología*, 87, 41–58. <https://doi.org/10.3989/aespa.087.014.003>
- Pereira, D. P. (2021). “Conduziu as mulheres aos combates bélicos e atribuiu aos homens humilhação e escravidão”: A barbaridade do feminino e a feminilidade do bárbaro das Amazonas em Diodoro Sículo (século I a.C.). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Santa Maria, Brasil, 2021.
- Rolle, R. *The World of the Scythians*. Berkeley: University of California Press, 1989.
- Sebillotte-Cuchet, V. *Artémise: une femme capitaine de vaisseaux dans l'Antiquité Grecque*. Paris: Fayard, 2022.
- Sebillotte-Cuchet, V. “Représenter les sexes. Réflexions à partir de publications récentes sur le genre et l’antiquité grecque.” In: *Perspective - la revue de l'INHA: actualités de la recherche en histoire de l'art, Institut national d'histoire de l'art / A. Colin*, 2008, pp.2-24. halshs-00685675.
- Saïd, S. *Le monde à l'envers: Pouvoir féminin et communauté des femmes en Grèce ancienne*. Paris: Les Belles Lettres, 2013.
- Scott, J. “Gender: A useful category of historical analysis.” In: *The American Historical Review*. Vol. 91, no.5, 1986, pp. 1053-1075.

Recebido em: agosto de 2023
Aprovado em: outubro de 2023